

OPINIÃO

Empresas vivendo menos, pessoas vivendo mais

José Pio Martins (*)

No ano de 1900, a expectativa de vida de um brasileiro ao nascer era de apenas 33 anos. Em 1940, era de 43 anos

A pesar de o país ser pobre e atrasado, a expectativa de vida no Brasil em 2016 atingiu 75,8 anos. As pessoas estão vivendo mais, muito mais. É uma mudança radical, que tem impactos no mercado de trabalho, na previdência, na saúde, nas finanças pessoais e, de resto, em todos os aspectos econômicos e sociais. Praticamente nenhum setor deixará de ser impactado pelas mudanças demográficas e pela expectativa de vida.

Viver mais pode ser uma dádiva, desde que você entenda o que está acontecendo e saiba lidar com as consequências.

Em relação às empresas abertas no território brasileiro, 60% delas morrem antes de completar cinco anos. Em setembro de 2016, a revista Exame publicou matéria sobre as empresas instaladas no Brasil que tinham mais de 100 anos idade: eram apenas 34. No atual mundo instável e de revolução tecnológica constante, as empresas estão vivendo menos. Hoje, até mesmo gigantes, como a General Motors, estão morrendo mais cedo. Há seis ou sete décadas, as empresas duravam mais, os trabalhadores ingressavam em um trabalho e só saíam ao se aposentar.

Esse tempo acabou. Duas perguntas se impõem: (a) por que esses fenômenos estão ocorrendo? (b) quais as consequências para nossa vida pessoal? Quanto à primeira pergunta, há algo interessante: os dois fenômenos que estão fazendo as pessoas viverem mais são os mesmos que fazem as empresas viverem menos.

Esses fatores são: o progresso da ciência e a revolução tecnológica. A explosão de conhecimentos científicos que se seguiu à descoberta do antibiótico por Alexander Fleming em 1928 e a revolução tecnológica no mundo da farmacologia, das ciências médicas e das condições sanitárias mudaram por completo a expectativa de vida dos humanos. Muito breve teremos uma legião de pessoas com mais de 100 anos.

Pois a evolução das ciências e a monumental explosão das tecnologias estão jogando uma multidão de empresas no leito de morte. Os exemplos são muitos. As grandes fábricas de automóveis – General Motors, Volkswagen, Ford e outras – nasceram com a revolução na

eletricidade no fim do século 19 e a invenção do motor a combustão interna, e viveram tranquilas por décadas. A maioria não previu que, nos anos 1980, os japoneses viriam a ferir de morte a indústria automobilística norte-americana dentro do próprio Estados Unidos.

O deslumbre com o sucesso impediu que os executivos do setor de automóveis percebessem a onda tecnológica que vinha em sua direção.

No mundo atual, algo parecido está ocorrendo. A explosão de descobertas e invenções vem criando uma revolução tecnológica permanente, sem data para acabar, que vai sangrar milhões de empresas em todo o mundo. Uma consequência é certa: milhões de trabalhadores perderão seus empregos mais de uma vez durante sua vida.

Como a vida está mais longa, é recomendável questionar sobre como se preparar para enfrentar essa realidade e construir uma aposentadoria tranquila. Em verdade, primeiro devemos pensar sobre como resolver o problema de sustentar a nós e nossa família durante o tempo de trabalho, que não será mais de apenas 35 anos; para quem tiver saúde, o período de trabalho será de 50, 60 anos.

Os sistemas de previdência social tal como existem hoje vão desaparecer, é uma questão de tempo. Mais cedo ou mais tarde, as duas previdências, a do INSS (trabalhadores privados) e a dos servidores públicos, vão ser reformadas. Ou fazemos isso ou o país vai afundar na pobreza. Não é uma questão ideológica. É imposição da realidade dos fatos.

Não há nada mais antigo e mais atrasado do que esse embate tosco entre esquerda e direita (se é que existe isso no Brasil), uns dizendo que a previdência está falida e tem de ser reformada e outros dizendo que não. É o caso de perguntar quantos dessa gente observam o mundo, estudam, analisam e adquirem conhecimentos necessários para um debate inteligente. Certamente, bem poucos.

Quanto aos empreendedores, eles também devem pensar sobre como prolongar a vida de suas empresas. As mudanças pelas quais o mundo está passando exigem que as pessoas se adaptem e as empresas também.

Teimar contra os fatos não é bom caminho.

(*) - É economista e reitor da Universidade Positivo.

Tratamento com realidade virtual pode reduzir medo de altura

Um novo tratamento baseado em um programa de realidade virtual (RV) poderia ajudar a diminuir o medo que comprovadamente algumas pessoas têm de altura, a acrofobia

Conforme um ensaio publicado na revista científica "The Lancet Psychiatry", o primeiro a empregar a tecnologia de RV – que coloca o usuário em um ambiente virtual – para novas intervenções psicológicas, acrofobia é o mais comum dos medos.

De acordo com o estudo, 1 de cada 5 pessoas afirma ter sofrido isso em algum momento da vida, enquanto 1 de cada 20 está clinicamente diagnosticada. O experimento, dirigido pelo psicólogo Daniel Freeman, da Universidade de Oxford, no Reino Unido, usou um grupo de 100 pessoas diagnosticadas com acrofobia e que não faziam qualquer tratamento. Ao todo, 49 participantes foram tratados com o software de RV, enquanto 51 receberam o tratamento convencional.

Cada indivíduo teve que responder um questionário sobre a gravidade do que sentia no início e no fim do processo e



Todos os usuários que finalizaram o tratamento com RV garantiram que a acrofobia tinha diminuído.

participar de uma reunião de controle quatro semanas depois do encerramento do processo. O tratamento de RV teve seis sessões de meia hora cada, durante duas semanas. Nesse período, os usuários entravam, gradualmente, em espaços mais complexos, onde tinham que

enfrentar o medo em tarefas como olhar através de uma barreira, caminhar em uma plataforma flutuante ou salvar um gato no alto da árvore.

Todos os usuários que finalizaram o tratamento com RV garantiram que a acrofobia tinha diminuído e 34 pessoas

declararam não ter mais o medo na sessão de acompanhamento. Por outro lado, os 51 do outro procedimento estavam como antes. "Os tratamentos de realidade virtual têm potencial de ser efetivos, mais rápidos e mais atraentes para muitos pacientes", disse Freeman, acrescentando que este pode ser um sistema de "alta qualidade para muito mais gente e a um preço acessível".

Os especialistas, porém, reconheceram algumas carências do processo, como não ter como compará-lo com outros tratamentos atuais para fobias ou o fato de não avaliar o medo em um cenário real. De acordo com o texto, contudo, um participante garantiu que sua rotina melhorou após o processo. "Continuei tendo uma pequena reação, tanto na RV quanto fora, mas é menos e posso sentir as pernas relaxadas, já que não sinto a necessidade de me agarrar a alguma coisa", afirmou (Agência EFE).

Padre chileno é preso por violentar menores



Relatório ordenado pelo papa Francisco desvendou a real extensão do escândalo de pedofilia no Chile.

Um padre foi preso no Chile sob a acusação de pedofilia, no âmbito de um inquérito que investiga outros 14 prelados suspeitos de criarem uma rede de abusos na diocese de Rancagua, no sul do país. Óscar Muñoz Toledo, ex-reitor da Arquidiocese de Santiago, é acusado de assédio e violência sexual contra pelo menos sete menores de idade entre 11 e 17 anos, incluindo parentes.

Os casos teriam ocorrido em 2002. Em janeiro passado, ele já havia confessado um episódio de abuso, pelo qual será julgado. O padre de 56 anos é o primeiro sacerdote católico preso desde março, quando um relatório ordenado pelo papa Francisco desvendou a real extensão do escândalo de pedofilia no Chile, que provocou a renúncia de todo o episcopado do país.

Os investigadores dizem que Rancagua abrigava uma "fraternidade" de padres abusadores, descoberta por uma jornalista que fingira ser menor de idade e fora aliciada online por um prelado. A Justiça chilena já pediu que o Vaticano entregue toda a informação disponível sobre o caso e apreendeu documentos nas dioceses de Santiago e Rancagua, uma ação sem precedentes na nação latina.

Até o momento, Francisco aceitou as renúncias de cinco bispos chilenos, incluindo o de Osorno, Juan Barros, acusado de encobrir os abusos cometidos pelo padre Fernando Karadima, seu mentor e já condenado pelo próprio Vaticano (ANSA).

Barco com 450 pessoas abre nova crise entre Itália e Malta

Um barco com 450 pessoas está à deriva em águas territoriais italianas, no Mar Mediterrâneo, após ter partido da Líbia. A embarcação é um pesqueiro de madeira e já abriu um novo braço de ferro entre a Itália e Malta. As autoridades de Roma pediram para Valeta agir com "urgência" e identificar um "porto seguro" para o barco ancorar.

"Um barco com 450 clandestinos em águas de competência de Malta.

Depois de poucas horas, ninguém se mexeu, e o barco continuou a navegar em direção à Itália. Que saibam Malta, os traficantes e os 'bonzinhos' de toda a Itália e de todo o mundo que esse barco não pode e não deve chegar em um porto italiano", declarou o ministro do Interior Matteo Salvini, artífice do endurecimento das políticas migratórias do país.

Não há notícias, no entanto, sobre a proveniência dos deslocados que estão no barco nem sobre os motivos de sua fuga. Nas últimas semanas, Itália e Malta já se envolveram em polêmicas por causa



Os traficantes voltaram às embarcações de madeira, superlotadas e em péssimas condições.

de navios operados por ONGs, proibidos por Salvini de ancorar em portos italianos. Proporcionalmente, Malta acolhe quase quatro vezes mais refugiados e solicitantes de refúgio que a Itália: enquanto a primeira abriga 9.378, o equivalente a 2,03% de sua população, a segunda contabiliza 353.983, o que corresponde a 0,58% de seus habitantes. Os números são da agência da ONU para refugiados (Acnur) e do Banco Mundial.

O uso de pesqueiros de madeira restabelece uma antiga prática dos traficantes de seres

humanos no Mediterrâneo. Nos últimos anos, eles preferiram colocar os deslocados externos em botes infláveis, para serem socorridos por ONGs. Com o bloqueio dos portos para essas entidades, os traficantes voltaram às embarcações de madeira, geralmente superlotadas e em péssimas condições, porém mais robustas e capazes de chegar diretamente a Lampedusa ou Malta. Foi em uma dessas que 368 pessoas morreram em 3 de outubro de 2013, tentando chegar à ilha italiana (ANSA).

Produtores disputam filme sobre resgate na Tailândia

Três dias depois das autoridades da Tailândia terem resgatados os 12 jovens e o treinador de futebol que estavam presos em uma caverna de Tham Luang, produtores de cinema e televisão já manifestaram o interesse de realizar um filme sobre o resgate. De acordo com Anan Wongbejarat, diretor-geral do departamento de Turismo da Tailândia, algumas produtoras norte-americanas já o contaram e fizeram visitas na caverna para estudarem a viabilidade do projeto.

"Meia dúzia de companhias de cinema locais e estrangeiras quer usar a caverna como local de filmagem. Mas eles terão que esperar que a caverna seja reaberta ao público", afirmou. O governo tailandês já anunciou que quer transformar a caverna em um museu que ilustrará a história do resgate.

O drama dos 12 jovens e do treinador começou no dia 23



O governo tailandês quer transformar a caverna em um museu que ilustrará a história do resgate.

de junho, após terem ficado presos no local devido às inundações causadas pelas chuvas de monções na Tailândia. As operações de resgate começaram no domingo (8), com os socorristas retirando aos poucos os meninos de 11 a 16 anos de idade. O último a sair foi o técnico Ekkapong Chantawong,

de 25 anos, na terça-feira (13). Segundo os médicos, os 13 estão se recuperando em um hospital de Chiang Rai e nenhum deles está com problemas graves de saúde. Eles perderam cerca de dois quilos, após passarem nove dias sem comer, já alguns apresentam quadros leves de infecção pulmonar (ANSA).

É ruim para o Brasil a disputa entre EUA e China

O ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes, considerou ruim para o Brasil a disputa comercial dos Estados Unidos, que impõe política protecionista, com a China. Ele participou na sexta-feira (13) de reunião com os setores de comércio exterior e de agronegócio da Fiesp, na capital paulista.

"As implicações de uma guerra comercial são muito ruins para o mundo, especialmente para um país em desenvolvimento como o nosso, que precisa ter acesso a mercados, que precisa ter intercâmbio comercial e de investimento maior", disse o ministro, ao admitir que o Brasil poderá ter ganhos no curto prazo em alguns setores, mas que será prejudicado no médio prazo.

José Ricardo Roriz Coelho, vice-presidente da Fiesp, disse que um bom ambiente de negócios precisa de estabilidade, já que os fluxos comerciais e acordos são feitos a médio e longo prazo. "O que aconteceu ultimamente no cenário internacional é uma piora no ambiente de negócios", avaliou, ao reforçar que o Brasil obterá vantagens apenas no curto prazo. "A médio prazo é ruim, porque deteriora as relações e, muitas vezes, quebra parceiras comerciais feitas ao longo do tempo. Também, cada país tem seus negociadores que estavam em tratativas para estabelecer acordos comerciais e muito disso volta à estaca zero", declarou (ABR).